

A Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da
Secretaria Municipal de Cultura e da
Fundação Municipal de Cultura, apresenta:

CONHECENDO

O

PATRIMÔNIO

CULTURAL

DE



Ilê Wopo Olojukan

BELLO HORIZONTE

Trajatória histórica do Ilê

O Ilê Wopo Olojukan, fundado em 1964, é o primeiro Terreiro de Candomblé de Belo Horizonte. Está vinculado à tradição Yorubá (Ketu), seu patrono é Oxóssi e foi fundado por Carlos Ribeiro da Silva (1933-1997), um baiano conhecido por Carlos Olojukan ou Carlos Ketu. O Sr. Carlos migrou de Salvador para BH já com objetivo de fundar o primeiro Terreiro de Candomblé da cidade, considerando que, até aquele momento, no início da década de 1960, existia na capital mineira apenas o culto ligado à Umbanda.

O Terreiro Ilê Wopo Olojukan é exemplo concreto da contribuição das culturas africanas para a conformação da identidade brasileira. O nome, em língua yorubá, evidencia esta ligação da casa com a sua tradição e sua devoção ao Orixá: Ilê (casa); Wopo (trono) e Olojukan (olo - senhor, dono; oju - olhos; okan - coração). Em tradução livre, a "Casa do Trono de Odé, Aquele que Vê com os Olhos do Coração".

Em abril de 1995, o então Babalorixá Sidney Ferreira da Silva foi apontado como herdeiro do Ilê Wopo Olojukan. Com o falecimento do Babalorixá Carlos Olojukan, em 1997, Sidney ti Osossi assume o trono em fevereiro de 1999.

Em sua trajetória, este Ilê passou por vários endereços da região noroeste de Belo Horizonte, tais como os bairros Ipiranga e Gorduras, finalmente se instalando no bairro Aarão Reis, onde se encontra até hoje.



Carlos Ribeiro Olojukan

Acervo Ilê Wopo Olojukan

Data: não identificada



Sidney Ferreira

Foto: Luizina Lopes

Data: 2015

Tombamento do Ilê

Reconhecido como Patrimônio Cultural do Município em 1995, o bem cultural localizado à Rua Doutor Benedito Xavier, 2.030, no Aarão Reis, foi caracterizado, por meio de pesquisa histórica, sociocultural e registro fotográfico, como a mais antiga comunidade-terreiro do município de Belo Horizonte.

Seu tombamento ocorreu no contexto do Projeto Tricentenário de Zumbi dos Palmares, quando a PBH realizou diversas ações que resultaram em iniciativas que perduram até os dias atuais. O Ilê Wopo Olojukan constitui, portanto, um dos marcos físicos que representam a memória social do povo negro belo-horizontino e recebeu proteção como Patrimônio Cultural do Município a partir das reivindicações do movimento negro pelo direito à memória. É um marco na luta negra por respeito e pelo reconhecimento da contribuição da cultura afro-brasileira e, especificamente, das Matrizes Africanas na construção de Belo Horizonte e na conformação da identidade da nossa cidade.



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Data: 2018



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Lucas Jupetipe

Data: 2019

Tombamento como forma de proteção do patrimônio cultural

O tombamento também protegeu o Terreiro da desapropriação na ocasião da construção da Via 240, que obrigaria o Ilê a mudar de território, em 1995. Mais recentemente, o tombamento foi novamente relevante em outra importante ação: a privacidade de culto e a área verde do terreiro foram protegidas através de iniciativa da Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público, do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte e do próprio Ilê, enquanto sociedade civil organizada. Diferentemente de outros terreiros no meio urbano, o Ilê Wopo Olojukan conta, ainda hoje, com extensa área para cultivos de plantas, ervas e árvores fundamentais para as práticas do Candomblé, sendo também um fornecedor de espécimes de flora para outros terreiros da cidade.

Compreendendo a importância da preservação do patrimônio não só para a comunidade, mas para a cidade de Belo Horizonte, em 2020, procedeu-se a formação do Comitê de Salvaguarda do Ilê Wopo Olojukan, em parceria com a Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público, e que traz em seu bojo um Plano de Ações estruturais, de divulgação, de proteção, de preservação e de manutenção do patrimônio cultural em curto, médio e longo prazo.



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Júlia Lanari

Data: 2018



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Lucas Jupetipe

Data: 2018

O Egbé

Uma comunidade de terreiro (egbé) configura-se como um elemento essencial. Seus membros relacionam-se entre si com laços de familiaridade que se estabelecem a partir da figura do Babalorixá, a raiz daquela árvore genealógica.

É no convívio do egbé que os valores, doutrinas e práticas daquela comunidade se perpetuam, se transmitem e ganham vida, propiciando uma visão diferente dos conceitos eurocêntricos vigentes e propondo uma nova forma de ser e de estar no mundo. A cosmogonia e os valores de sociedade afro-brasileiros, que preconizam a convivência, a coletividade, a senioridade, a família, a valorização das mulheres, o respeito incondicional às diversidades, a ênfase na educação das crianças, o cuidado com o meio ambiente, o manuseio responsável e respeitoso da fauna e flora, entre outros, encontram, em um terreiro, seu local principal de aplicação e aprendizado.

Atualmente, além do Babalorixá Sidney ti Osossi, o Ilê Wopo Olojukan se constitui sob a tutela e o cuidado da Yakekere e Iya Egbé Marlene ti Osun (filha carnal da saudosa Yakekere Isabel ti Osala), que, juntos, cuidam da comunidade e a orientam.



Mãe Isabel e Mãe Marlene

Acervo Ilê Wopo Olojukan

Data: 2009



Mãe Daxê Bi

Acervo Ilê Wopo Olojukan

Data: década de 1970

Resistência, preservação e difusão cultural

Diante do racismo estrutural que atinge a população negra e da perseguição religiosa sofrida pelos adeptos das religiões de matrizes africanas, os terreiros de Candomblé são espaços de resistência, preservação e difusão da cultura afro-brasileira. Os terreiros são espaços de culto à ancestralidade e à natureza através de um complexo conjunto de valores, saberes e fazeres que mantêm vivas as tradições herdadas dos ancestrais africanos por meio da transmissão oral às novas gerações.

Com as práticas culturais cotidianas, com o uso de línguas africanas empregadas nos cânticos, pelos instrumentos e ritmos, na comida votiva, no manejo das plantas para curas físicas e espirituais, nos valores que são ensinados e praticados: os terreiros são verdadeiros repositórios culturais de onde advêm elementos que povoam o nosso dia a dia, a cultura do nosso país e as práticas populares cotidianas. No samba, nos chás da vovó e nos banhos de folhas, nos ritmos baianos que têm embalado os carnavais, nas palavras que compõem o nosso Português, na moda, na culinária, nos hábitos diários: a cultura afro-brasileira e a tradição de matrizes africanas estão presentes em cada momento, sendo os terreiros de Candomblé os principais responsáveis pela sua proteção, transmissão e divulgação.



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Daniel Pitanga

Data: 2019



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Lucas Jupetipe

Data: 2019

Preservação e transmissão do Patrimônio Cultural

Como espaço de resistência, preservação e difusão cultural, o Ilê Wopo Olojukan, além das atividades voltadas à comunidade interna e demais adeptos do Candomblé, também realiza várias festas anuais abertas ao público, nas quais a cidade tem a oportunidade de vivenciar o Sagrado do Candomblé, além de apreciar a manifestação cultural dessa tradição. A cerimônia pública mais esperada do ano é a Festa de Osossi, patrono da casa, que abre o calendário festivo e ocorre sempre ao final de abril.

Além das atividades relacionadas às práticas de fé, o Ilê Wopo Olojukan desenvolve iniciativas culturais envolvendo público de diversas faixas etárias, comunidade escolar e acadêmicos. As inúmeras ações vão desde oficinas de dança, moda e beleza afro, passando por encontros e oficinas culinárias, publicação de materiais de áudio, digitais e bibliográficos, até mostras de cinema e palestras. São destaques dessas iniciativas produzidas pela comunidade a publicação do Livro Sabores da África no Brasil (2002) e o CD Korin Iré (2019), ambos produzidos em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no âmbito da proteção e difusão do patrimônio cultural imaterial.

Entendendo o terreiro de Candomblé como um importante espaço educacional, cultural e social, a comunidade do Ilê Wopo Olojukan reconhece a importância da disponibilidade desse espaço para a sociedade civil e, assim sendo, está constantemente aberta a todos, seja para uma visita, seja em seus eventos, cerimônias, ações educativas e/ou culturais.



Acervo Ilê Wopo Olojukan

Foto: Lucas Jupetipe

Data: 2019

O projeto **Conhecendo o Patrimônio Cultural de Belo Horizonte** tem por objetivo apresentar os bens culturais protegidos na cidade pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte. A divulgação e o (re)conhecimento da pluralidade e riqueza de nosso patrimônio cultural é uma das ações desenvolvidas pela Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público da Fundação Municipal de Cultura, com o intuito de auxiliar na preservação das identidades, da história e da memória de diversos grupos formadores da sociedade belo-horizontina.

Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público
Rua Prof. Estevão Pinto, 601 - Serra - CEP: 30220-060
Belo Horizonte - Minas Gerais
pbh.gov.br/patrimonio
facebook.com/patrimonioHistoricoDeBeloHorizonte



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

BELO HORIZONTE